ESCALAPB PB ESCALACOR COR
Produto: JT - BR - 3 - 25/01/09 3A -
CYANMAGENTAAMARELOPRETO

JTCIDADE

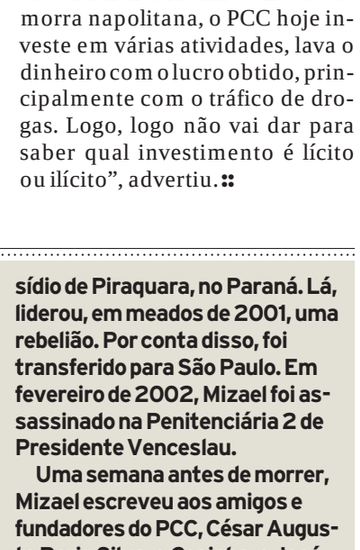
4 ANOS foi o período que os irmãos camorristas ficaram presos em São Paulo

Camorra, irmã do PCC

Mafiosos ajudaram na criação da facção

Os irmãos Torsi ficaram presos em São Paulo na década de 1990, onde conheceram Mizael A. da Silva a quem repassaram o modelo da base de organização mafiosa e acompanharam a fundação do Primeiro Comando da Capital

ONDE FICA



INFOGRÁFICO

JOSMAR JOZINO
josmar.jozino@grupoestado.com.br

O Primeiro Comando da Capital (PCC) aprendeu a se estruturar como sindicato do crime e empresa com integrantes da Camorra, uma das máfias da Itália. As aulas foram ministradas pelos irmãos Bruno e Renato Torsi. Os dois camorristas ficaram presos quatro anos em São Paulo na década de 90. Em 1993, não só assistiram ao nascimento do PCC na Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, no Vale do Paraíba, como ajudaram a organizar a maior facção criminosa paulista.

A revelação foi feita por parentes de presos do PCC. Bruno, de 49 anos, e Renato, de 50, nasceram em Secondigliano, no norte de Nápoles, também a terra natal da Camorra. A máfia napolitana é retratada no livro *Gomorra*, do jornalista italiano Roberto Saviano (*leia mais na página 4A*). Renato foi extraditado para a Itália em outubro de 1994 e o irmão caçula, em janeiro de 1995. Da Penitenciária de Rebibbia, em Roma, os irmãos enviaram cartas e cartões-postais ao principal fundador do PCC.

Mizael Aparecido da Silva, o *Miza*, um dos oito fundadores da facção criminosa, era o melhor amigo dos irmãos Torsi na prisão. Os laços de amizade se fortaleceram na Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, o berço do PCC. Mesmo após a extradição, os camorristas não se esqueceram de *Miza*. Eles o chamavam de *irmão*, mesma forma de tratamento usada entre os integrantes do PCC.

O **Jornal da Tarde** obteve dois cartões postais enviados pelos Torsi para Mizael. Ambos são de Nápoles. Um deles tem a seguinte mensagem: *"Aqui é onde nascemos. Eu e o Bruno. Para o meu amigo e irmão Mizael. Abraço com saudades, Renato"*. O outro cartão diz: *"Mizael, é um grande prazer receber as suas notícias. Dê-me sempre suas notícias e o que precisar aqui na Itália e estiver ao meu alcance é só falar, ok meu grande Brother. Um abraço. Seus amigos Bruno e Renato"*.

Os cartões foram escritos na Penitenciária de Rebibbia, em Roma, e não têm data. Num deles, os irmãos Torsi mencionam o endereço do presídio na capital italiana. Bruno e Renato foram condenados a 28 anos pelo sequestro de um empresário italiano, em 1986. Eles receberam US$ 2,5 milhões de resgate. O irmão mais velho, Francesco Torsi, também participou da ação, mas, segundo a polícia italiana, foi cercado e se matou para não ser preso.

Um representante do governo italiano no Brasil afirmou ao **JT** que, assim como aqui, onde os presos aproveitam a saída temporária para abandonar a prisão, os Torsi também se utilizaram de igual benefício judicial. Fugiram para Caracas, Venezuela, e depois para São Paulo. Em 18 de maio de 1990, Bruno e Renato foram presos por policiais federais num apart-hotel na Rua Bela Cintra, nos Jardins, área nobre da zona sul da capital.

Os Torsi estavam com passaportes e documentos falsificados. A mesma autoridade italiana, que pediu para não ter o nome divulgado, disse acreditar que Renato e Bruno repassaram ao PCC o modelo da base de organização da Camorra. Ensinaram os integrantes da facção paulista a se associar, pagando uma taxa mensal. "O dinheiro do crime vai para um fundo, ajuda a família em caso de prisão dos sócios e também para assistência jurídica, o pagamento de advogados."

Ainda de acordo com a autoridade italiana, os irmãos camorristas orientaram os integrantes do PCC a fortalecer a facção paulista como empresa. "A Camorra tem seguro-desemprego, seguro-saúde e seguro-legal. Corrompe juízes, guardas de presídios e policiais. Isso também é feito pelo PCC. O lucro é investido no fortalecimento das organizações."

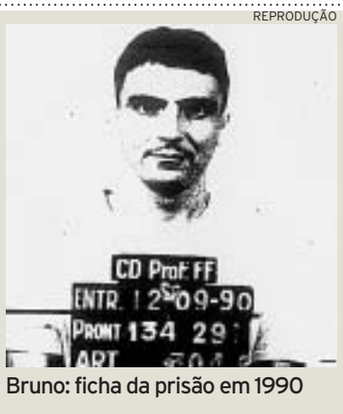
A autoridade italiana disse que o PCC já age nos mesmo moldes da Camorra. "Aprendeu graças ao contato com os camorristas na prisão brasileira. Assim como a Camorra napolitana, o PCC hoje investe em várias atividades, lava o dinheiro com o lucro obtido, principalmente com o tráfico de drogas. Logo, logo não vai dar para saber qual investimento é lícito ou ilícito", advertiu. ::

'Irmãos Metralha' italianos foram presos nos Jardins

Segundo a Polícia Federal, Bruno, Renato e Francesco Torsi faziam parte do braço especializado em sequestros da Camorra. A autoridade italiana do Setor de Extradições informou que os irmãos foram acusados de envolvimento num homicídio em 1982, quando a Camorra deu cobertura para um grupo das Brigadas Vermelhas matar o vice-chefe da polícia de Nápoles.

A autoridade italiana disse que em Secondigliano, os irmãos Torsi eram chefiados por Gennaro Licciardi, apelidado de "*Scigna*", que em português significa macaco. Segundo o livro *Gomorra*, tinha este apelido porque "fisicamente se parecia mesmo com um gorila ou orangotango". Ele é apontado como um dos responsáveis pela infiltração da Camorra na economia legal italiana.

REPRODUÇÃO



Bruno: ficha da prisão em 1990

Escondidos em São Paulo, Bruno e Renato, chamados na Itália de "*Irmãos Metralha*", trabalharam com loja de confecções. Em Santos, se estabeleceram no ramo imobiliário. Estes dois setores, ainda segundo o livro *Gomorra*, fazem parte das atividades legais da Camorra. A clandestinidade dos Torsi na capital terminou em 18 de maio de 1990. Foram presos por agentes federais no apart-hotel Portinari, na Rua Bela Cintra, 196, Jardins.

Em 12 de setembro de 1990, os Torsi foram transferidos para a Casa de Detenção, no Carandiru. Marcada ao longo de sua história por fugas espetaculares, a Detenção também foi palco de ousada ação de Bruno Torsi. Consta dos registros do presídio que ele fugiu em 26 de agosto de 1992, disfarçado de PM. Como conseguiu a farda, ninguém explicou. Em 25 de março de 1993, foi recapturado e, como castigo, levado à Custódia de Taubaté. Em janeiro de 1995 foi extraditado para a Itália.

Para evitar a fuga de Renato, autoridades prisionais o transferiram para a Penitenciária do Estado, Penitenciária 1 de Presidente Venceslau e Custódia de Taubaté, onde ficou de 20 de agosto de 1993 a 14 de março de 1994. Depois foi para a Penitenciária 1 de Avaré. Em outubro de 1994 foi extraditado.

Fundador do PCC aprendeu tudo com os camorristas

Mizael Aparecido da Silva, o melhor amigo dos irmãos Torsi na Custódia de Taubaté, foi, além de um dos oito fundadores, o idealizador do estatuto do PCC. Ele aprendeu com os camorristas que uma organização precisa, antes de tudo, da lealdade e da contribuição de seus associados.

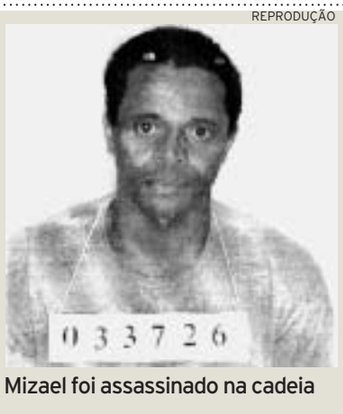
Foi assim que Mizael escreveu os 16 artigos do estatuto do PCC. O 1º diz: "Lealdade, respeito e solidariedade acima de tudo ao Partido". O 7º adverte: "Aquele que estiver em liberdade bem estruturado, mas esquecer de contribuir com os irmãos que estão na cadeia, será condenado à morte sem perdão". Esse é um dos lemas da máfia.

Os Torsi explicaram ainda que uma organização tem o dever de ajudar os familiares de seus integrantes e contratar advogados para defender os sócios presos. Por isso, o artigo 4º diz: "A contribuição daqueles que estão em liberdade com os irmãos dentro da prisão, por meio de advogados, dinheiro, ajuda aos familiares e ação de resgate".

Assim que saiu da Custódia de Taubaté, Mizael foi transferido para uma penitenciária do Mato Grosso do Sul e depois para o Presídio de Piraquara, no Paraná. Lá, liderou, em meados de 2001, uma rebelião. Por conta disso, foi transferido para São Paulo. Em fevereiro de 2002, Mizael foi assassinado na Penitenciária 2 de Presidente Venceslau.

Uma semana antes de morrer, Mizael escreveu aos amigos e fundadores do PCC, César Augusto Roriz Silva, o *Cesinha*, e José Márcio Felício, o *Geleião*, presos na época em Bangu, no Rio. Na carta, Mizael mostrou ter aprendido com a Camorra: propôs uma rebelião em série nos presídios brasileiros e os sequestros de políticos da base governista para negociar fugas e de jornalistas para divulgar as reivindicações do PCC. Em fevereiro de 2001, a facção realizou a primeira megarrebelião no Estado, com presos de 24 presídios amotinados. Em 2006, após a onda de ataques às forças de segurança, o PCC sequestrou o repórter Guilherme Portanova, da Rede Globo.

REPRODUÇÃO



Mizael foi assassinado na cadeia